

O filho da muda

Sua triste muda não era de nascença
Ella perdêra a voz por uma dôr intensa
Vendo morrer seu Paê varado de uma balã
Em luta desleal — perleco de todo a fala.

Era formosa então, porem menina ainda.
Depois se fez mulher e ficou mais linda.
Fôrto da o Queiroz que o mundo observa e estuda
E a vira tão gentil, soube que ella era muda.

— Que sorte grande, o Deus! brevemente exclama
Nosso amoroso heroe que mais de Amor se inflama.
Casou logo depois. Pagava-lhe a ventura
Ella, ás falas de amor com beijos de ternura.

Tão venturoso foi esse enlace, afinal.
Que um filhinho gentil sobreveio ao casal.

Quando a primeira vez a setinea e polpuda
Facezinha boqui, entistecido a muda,
E era triste de ver do seu olhar o brilho
Ah!... Não poder dizer, nem uma vez: «meu...»

Ente os beijos de amor ha um que a fantasia
Compa: ao supoty: tão doce que enfastia!
Foi um desses fataes beijos adocicados
Que o bombe conduz por meios desastrados
Que fez o ciume Queiroz zangar-se e aborrecido
Para a rua sahir com ares de atrevido.

Mas o filhinho então já de um anno passava:
Era corado e forte e já engatilhava,
Jã conhecia a lei — que o largo e puro goso
So neste mundo tem quem não sabe ser manhoso.
Fé então vendo-se só e abandonado a e. camo
Porque a formosa mãe se debulhava em pranto,
Fingindo grande dôr: «Mamie!» gritou gemente.

O gatinho fêcundo! Inopinadamente
A muda, commovida, aos braços o tomou
E... milagre de amor! Os labios descerrou!

— «Meu filho! ella exclamou; restô-me os beijos teus,
Restô-me o teu amor: bendito seja Deus!»

Amigos: si quereis evitar sorte igual
Dãs mudas não vibreis a corda maternal.

Niteroy: 1899.

A. AZAMOR.

Os amores do sr. Bispo

Discutiuse nas salas de uma senhora da moda a eterna questão do amor.
A sociedade era composta de pessoas bem educadas — o que permitia elevar-se a conversação aos mais espinhosos assumptos sem perigo de desambar em um genôro inconveniente.
A dona da casa tem mais de quarenta annos e dobrou ha muito o cabo que de Boa Esperança, passou a ser para ella unicamente das Tormentas. Se nas suas viagens pelo mundo luctou com alguns vendavaes e trovoadas, pode se comtudo affirmar que nunca foi acossada por naufragios nem avarias.
E a muda formosa, de uma formosura realçada pelo espirito e de uma suavidade de maneiras que lhe atrahia as sympathias de todos.
E vivia de um homem rico em demasia, que foi sena or no reinado de Napoleão III, que o foi tambem durante a actual Republica e que, pelos seus principios, não hesitaria a ser ainda par de França com uma Restauração qualquer, se o tempo não possesse limites a longevidade humana, mesmo quando se trata de um illustre senador.

A sra. Cambrai, a quem nos referimos, é uma dama instruida, amavel e muito fina, uma d'essas mulheres parlamentares em cujas salas as opiniões se imittem e se combinam sem azedume.

Gosta immenso de receber a jantã, e embora não de *sopros*, encontrase sempre em sua casa um extrelente grupo de artistas sacudados de gloria, de escriptores satisfeitos de escrever e não dizendo mal dos collegas, de honens e senhoras do mundo repondo ali da sua liguidez; de diplomatas sem perido das e infidelidades e de functionarios que têm o devido respeito pelas suas respectivas funções.

Se bem que a sra. Cambrai não tenha ligações especiaes com o perido clerical, e vulgar vêr frequen-

tar as suas salas um bispo dos mais novos e dos mais considerados do seu tempo. Esse bispo, todas as vezes que vem a Paris, não deixa de levar fôr reuniões da sra. Cambrai o seu viganio. O seu secretario, um padre muito bom, é que elle ali não apresenta, pretextando que está ainda bastante mexerique para poder apreciar no seu justo valor conversações em que entram damas tão gentis.

O sr. bispo achase agora em Paris e era esperado 3.ª feira em casa da sra. Cambrai.

Por isso, quando, pelas dez horas da noite, as discussões estavam mais animadas a respeito do amor, da sua influencia social e do maior ou menor numero de vantagens que elle traz para o seio da familia, a sra. Cambrai, ouvindo tocar a campainha exclamou alegremente:

— A continuação fica para amanhã. Respeitemos os ouvidos do nosso bom amigo.

Todos se calaram e o sr. bispo deu entrada no salão. Mas, quer a sua extrema sagacidade tivesse previsto o assumpto de que se tratava, quer elle se admirasse d'quelle instantaneo silencio que não podia attribuir exclusivamente ao respeito da sua posição, achou o que se passava e disse:

— Note que vim interromper um debate muito interessante: estas senhoras indicam uma tamanha animação...

— De que se trata, sr. bispo? de amor, respondeu a sra. Cambrai com sua voz insinuante.

— Bello assumpto em verdade, eu já desconhava d'isso!

— Mas de amor profano, note bem sr. bispo.

— Assim se creia queir de não ter parecer que possa haver amor profano.

As senhoras suspiraram o incessante movimento de e loques, e nos rostos dos homens divisava-se um sorriso malicioso.

— E a que resultado chegaram, continuou o prelado, recostado no *fauteuil*, e descalçando a luva da mão direita em que brilhava o anel episcopal?

— Nunca se pôde chegar a qualquer resultado n'um assumpto que não tem fim, respondeu a sra. Cambrai, estes senhores julgam, entretanto, que se deve estabelecer numerosos cathedraes...

— Fazem mal, interromper o bispo. Não ha senão um amor, como não ha senão um so Deus!

— Sem duvida alguma eminentissimo, obsejou o jornalista, forte em subtilzas; mas esse unico Deus compoese ainda assim de uma trindade. Seja nos, pois concedido que no amor haja tambem o Padre, o Filho e o Espirito Santo.

O prelado, tornando a serio, mostrou-se mais triste do que ostentou.

— Não gosto, disse elle, que se façam comparações com o que está acima da comprehensão humana. Mas perdoe-me, senhor, porque o primeiro imprudente fui eu. E comtudo não disse mais que a verdade. Ah! se eu me atrevesse...

E, em seguida a sua reticencia baixou a cabeça, olhando para o seu anel com uma attenção particular.

E porque não ha de atrever-se, ponderou uma senhora de lindos cabelos loiros, juntando as mãos com aros de supplica.

Atreva-se, atreva-se, sr. bispo, exclamaram em côro outras vozes femininas.

O bispo d'esta vez olhou maliciosamente para o viganio que estava vermelho e escandalizado por certo d'aquelle a exaggerada insistencia.

Se a dona da casa n'ô permite, disse o prelado voltando se respeitosa para a cadeira da sra. Cambrai.

E porque não havia de ter permitido? respondeu esta corando e cobrindo o rosto com o leque.

— Pois muito bem, continuou o bispo; todo o meu empenho seria provar que se Deus é o amor infinito, o amor é tu o que ha de mais divino na humanidade. Não é uma these esta para tratar no pulpito nem eu a recomendaria ao meu clero, embora a glosa não fosse de todo inutil, pois muito convem explicar aos paes, aos filhos, aos moços e aos velhos o que seja casamento, patria e familia.

O prelado parou um momento, depois de ter sorriso suavemente e continou:

— Desculpem-me, e, quasi fazendo uma pratica ao passo que se desejo contar-lhes uma historia. Meu irmão, juntou elle voltando se para o viganio, não me denuncie as ovelhas do nosso rebanho. Na provincia não ha a mesma caridade que em Paris. Agora a minha historia. Ha um padre que nunca se afastou do bom caminho, que durante a sua longa missão ecclesiastica teve sempre os olhos em Deus e que, apesar d'isso tudo, so ao amor humano deuven os seus adiantamentos.

— Am r humano e compartilhado perguntou indistinctamente um dos presentes.

O prelado não corou, previa talvez a pergunta: — O senhor julgara, respondeu e com finura.

E proseguiu no meio de uma excessiva attenção.

— Tive por amigo no seminario um pobre rapaz, fraco de corpo, mas de imaginação ardente e de alma candida, que so pensava em se voltar ao serviço de Deus. So em uma coisa elle desobedeceu a igreja. Nas suas horas de exaltação solitaria julgava-se poeta e

compunha versos mediocres, porque se o céo concede, por vezes, ao sacerdote o dom da eloquencia e do estylo, nunca lhe dá em troca o dom da poesia. Que poderíamos nos cantar em verso? Nós estamos além do que os poetas buscam e rombam.

O meu co discipulo endereçava os seus versos a Virgem Maria, versos muito mais do *cantico dos canticos*, do que dos canticos do ritual. A sua ingenuidade levou-o a mostrar esses versos a um velho professor, homem austero mas perspicaz, que rasgou o papel dizendo:

— Ominino gosta demasiadamente da Virgem Maria. O poeta jurou que nunca mais faria versos e mortificou-se com penitencias como se tivesse commettido um peccado deixando no futuro de querer tanto a Mãe de Deus.

Disse que este rapaz era dotado de uma alma caudada, mas de uma alma forte no meio da sua candura, e viril no meio das suas fraquezas. Depois de ordenado o meu companheiro, foi pastorear uma aldeia onde os pobres eram numerosos, e que lhe proporcionou uma occupação e lhe satisfiz a sua necessidade de amar que a lo augmentava cada vez mais. As esmolhas que distribuia vinham-lhe do palacio visinho, habitado por uma familia, composta de paê, mãe e uma filha. O paê tratava das suas propriedades: a mãe era senhora intelligente, boa, superior ás paixões humanas, filha de um sabio que lhe tinha dado fundo solido de instrução mas que nunca lhe pertubara a fé religiosa; a filha era bonita, educada por sua mãe com d'avello, mas sem pretensão nem tyrannia.

Esta menina gosava da liberdade de os corações livres concedem aos corações puros, todas as manhas ella vinha ter com o parcho e presbyterio para lhe indicar novos actos de caridade e para lhe renovar as flores do seu altar. Aos domingos cantava durante os officios acompanhando-se no orgão, e nas suas relações com o bom do padre nunca denunciava a timidez propria das meninas da sua idade. O parcho ia a miudo ao palacio e tinha ali muitas occasões de se encontrar a sós com ella, quer nas salas quer nos jardins. E tão bondosa e tão bonita o meu antigo companheiro a achava, que novamente se sentiu desejo de fazer versos para lhe poder dizer por esse meio o que não se atrevia a proferir em prosa. Espero meus senhores, que não me obriguem a descrever-lhes o romance, o idyllo.

No excesso do extase ha sempre uma cilada. O meu pobre amigo caiu n'ella.

Não me atreverei a dizer que o seu ardente entusiasmo impellusse tambem a innocente menina. É certo que ella tinha n'elle uma confiança lie irmã e que muito se infanava de ver com aquelle coração se abria ao doce contacto da sua meiga modidade. É tambem certo que uma vez, n'um mais pronunciado movimento de confiança e de sympathia, as suas mãos se uniram e que, tendo ficado juntas por algum tempo, sentiram ao despirer-se uma commoção profundissima. A donzella perturbada, foi encerrar-se no quarto e o parcho, esse coitado, foi entregar a oração. Bem lhe tinha dito o prefezôr que gostava muito da Virgem Maria! Sendo martyr por temperamento, perguntou então si proprio como poderia expiar a sua falta.

Lembrou-se primeiro de ir procurar seu bispo, confessar-se a elle e pedir-lhe que o mandasse para outra igreja. Mas o seu bispo velho e doente, poderia acaso comprehendel-o?

Isso responderia a furtar-se ao perigo muito cedo. Entretanto o dever mandava-o partir, e a paz não lhe entraria de novo na consciencia enquanto não se afastasse d'aquelles sitios.

Então o meu infeliz amigo teve uma ideia singular, uma especie de inspiração cega. Deliberou ir falar a mãe da donzella, que sabia ser uma senhora de alto espirito e confessar-lhe tudo — tanto as suas vertuações pessoas como as da propria donzella. A confissão feita com totalidade e ouvida com reconhecimento. A mãe estendeu-lhe a mão dizendo:

— «O senhor é um homem de bem, e está da minha parte ajudal o a ser um bom sacerdote».

Oito dias depois, graças a influencia d'esta senhora, o meu amigo era chamado ao palacio do bispo e nomeado seu secretario.

Deitou-se corajosamente ao trabalho sem esquecer a doce visão que o tinha acompanhado, mas collocando-tão alto que podia quasi ver o céo. E, no meio das suas novas occupações, fez grandes esforços para ficar sempre digno da lentidão que tivera e que tambem conjurara.

A mãe que o havia recommendado ao bispo, nunca mais se esqueceu d'elle; e mesmo de longe velava pelo seu futuro. Foi assim que chegou a ser prior de uma das principaes igrejas de Paris; e, tendo ali sabido que a filha da sua protectora ia casar-se, pediu a Deus por ella com a mais tocante effusão. Não procurou tornar n'ella, mas um dia o acaso collocou em frente um do outro. Ambos empalideceram um pouco, mas ambos se aproximaram sem receio. Uniram-se para sempre um sentimento forte que nada pode romper; esse sentimento chama se amizade, estima, ass m sra; mas e amizade aureolada de respeito, estima baseada na honestidade.

Nunca tentaram encontrar se mais do que o acaso permitia, mas sempre que se encontravam, era em autos o reconhecimento. A filha veio a perder sua mãe, e acece tou como herança a protecção concedida ao antigo parcho. Depois de muitos annos decorridos e no cume d'onde se abrange a vida toda, coj

fronte já coberta de neve, tranquilos de não acharem no seu passado um traço que não seja puro e de que não tenham motivo para se agulharem, estes dois entes correspondem-se e visitam-se com o fim sempre de fazer bem. E' pois certo que se esse amor, chamado profano, se não tivesse confundido, em dada conjectura, com o amor divino do moço seminarista, nunca elle, apesar da sua devoção, poderia ter chegado a ser o que hoje é.

— E o que é elle então? perguntou um dos ouvintes. O prelado levantou-se com um sorriso radiante e uma extrema dignidade.

— E' bispo, disse elle simplesmente. A sra. Cambrai tornou a abrir o seu leque. O prelado voltou-se particularmente para a pessoa que o interrompera.

— Já vê, meu caro senhor, que se não deve dizer mal do amor!

Houve um momento de silencio. Ninguém ousava commentar a anedocta nem levar a conversação para outro ponto.

Foi a sra. Cambrai quem disse com voz firme e clara.

— Demora-se ainda alguns dias em Paris, sr. bispo?

— Não minha senhora; vim hoje a propósito para lhe fazer as minhas despedidas.

E tenciona voltar breve?

— Não creio; tenho muito que fazer na minha diocese.

Alguns instantes depois sahia elle acompanhado do vigário.

No momento em que as visitas passavam para a casa de jantar, afim de tomarem chá, uma senhora já idosa e que tinha por costume fallar franco e egredou ao ouvido da sra. Cambrai.

— Quando é, minha boa amiga, que havemos de pedir, para este excellente prelado um chapéo de cardeal?

— Não gracieje, másinha! já tinha pensado n'isso.

LOUIS ULBACH.

Voz de estrella

Falla! Bebendo a colica harmonia da tua linda voz de estrella e de ave, gósa a extrema doçura d'agonia de um miserere dentro de uma nave.

Que a tua voz dest'alma afflicta lave o verde musgo da melancolia, como um fio d'agua murmuro e suave de um seixo o musgo verde lavaria.

Falla, que a tua voz clara desvenda um ceu aos olhos meus, pavidos, quando cae no meu coração de anachoreta.

Chavê d'ouro do mundo da Legenda, ouvindo-a, estrellas julgo ouvir cantando solaus cór de lilaz e de violeta.

Sousa Lono.

Historia de hontem e de hoje

O Deão de Premesnil, que nos começa da revolução franceza julgou prudente refugiar-se em Londres até que passasse a tempestade, escrevia a sua prima, a marquez de Maupertuis, emigrada em Colbentz:

«E' preciso que lhe conte um lance bastante extraordinario de que fui testemunha ha poucos dias em casa de lord Seymour, de quem elle tenho fallado em outras cartas. Ao sahir do theatro, onde vimos representar uma tragedia intitulada *Rei Lear*, de autor antigo que aqui gosa de muita fama, fomos cear a casa do lord. Eramos quatorze ou quinze; vi alli o marquez de Lorne, o duque de Northumberland, sir Arthur Clay, sir Joseph Mornay, capitão da marinha real, o cavalheiro Macpherson, e outros fidalgos da principal nobreza ingleza. Dos nervos havia, além deste vosso nobre adador e servo humilde, o marquezinho de Biron e o cavalheiro de Rouvray que esta cada dia mais melancolico e não pode conformar-se com a ideia de viver separado daquelle encantadora fada que vos sabeis. A ceia foi em extremo alegre e animada; prolongou-se até de madrugada e teria terminado com costume terminar entre nós uma festa de amigos se não houvesse succedido uma coisa lamentavel, quando todos nos dispunhamos a recolher a suas casas.

«Bebera-se enormemente, como se bebe em todos os festins inglezes; de maneira extravagante. Os mais intrepidos entre os convidados eram o capitão Mornay, homem capaz de esvasiar uma adega, e o cavalheiro Macpherson seu digno rival. Nem em, nem outro, podiam já manter-se em equilibrio sobre as cadeiras, quando o Sr. de Lorne, que parecia disfructar em fazer os beber mais e melhor, os convidou a esvasiar as ultimas garrafas, por despedida.

«Cada um d'elles colheu uma grande garrafa de vinho de *Aire* e a absorveu como se fosse um dedal de açafrão.

«Então o capitão, tartamudeando desafiou seu rival a beber um frasco de aguardente de Hespanha, ao qual o cavalheiro assentiu. Mas apenas ponde tomar

um trago do forte licor... O frasco cahiu-lhe das mãos e, abrindo a bocca, deu-nos um espectáculo que não quero precisar por medo de offender a vossa delicadeza. Sir Joseph Mornay fitou-o com despreso e zombando d'elle, e levantando a garrafa que lhe tinham posto em frente, bebeu lentamente, sem deixar cahir uma gota, até a deixar inteiramente vazia sobre a mesa. Houve um applauso estrepitoso e muitos hurrahs pelo valente capitão. Este quiz levantar-se para agradecer, mas tombou como pesada massa de chumbo. O dono da casa chamou os creados para que transportassem o heroe para a cama e abi dormisse a seu gosto. Mas no momento em que o erguam, acorreu-se d'elle sir Arthur Clay, examinou-o e disse: «Aposto cincoenta guineas em como o capitão não tornará a beber mais um copo, salvo no outro mundo.» Julgamos a principio que sir Arthur estava chalacando, mas como insistisse em affirmar que Mornay estava morto, o marquezinho de Biron, que se achava tão borracho como pode estar qualquer inglez, declarou que acceptava a aposta.

«Mandou-se chamar um medico, que affirmou com effeito que o capitão cessara de existir. Biron pagou os cincoenta guineas acto seguido, e o cadaver foi transferido para o hospital de marinha. Este triste accidente nos deixou assas impressionados, especialmente a Rouvray e a mim. Lord Seymour nos disse que, no fim de contas, Mornay acabára ferozmente, e que era mais digno de inveja que de compaixão.»

O Deão acrescenta tambem que o caso do capitão não é o primeiro que se registava entre os bebedores de alta sociedade ingleza. «E não é para estranhar, pois vejo que é muito commum entre a alta e a pequena nobreza fazer desmedido uso dos vinhos e licores. São muitos os senhores que se embriagam diariamente e que consideram o costume coisa naturalissima. Assi, ha o irmão de lord Holland, par do reino, que ha cinco annos não deixa passar uma unica noite sem que os creados tenham que o levantar da mesa e levar-o em braços para a cama.»

Decorreu um seculo desde que o emigrado francez escrevia estas linhas e, ainda que seria notoriamente injusto assegurar que a aristocracia ingleza conserve os mesmos costumes que outrora, seria igualmente temerario affirmar que renunciou em absoluto a esses desmandos de continencia. Se em fins do seculo XVIII o abuso de beber era um habito eminentemente aristocratico e muito vulgar entre todos as altas classes de Londres,—como pretendia o deão de Premesnil,—em fins do seculo XIX ficam ainda fortes resaios d'aquellas historicas bebedeiras. E não se até que ponto sera verdade o que o Dr. Goldwai escrevia recentemente n'uma revista scientifica, a proposito da chaga do alcoolismo, cada vez mais larga, tanto nas classes que arias como nas aristocraticas e diligentes. Assim como entre o proletario inglez se observa tendencia pronunciada contra o alcoolismo, na burguezia, e sobretudo na burguezia rica, nota-se um incremento bastante intenso, efferecendo a escandalosa particularidade de ser hoje o bello sexo quem da o mau exemplo. Antes, a dama ingleza deixava ao consorte o triste privilegio de perder a razão e a dignidade no fundo da garrafa; h'je são infelizmente muitas as senhoras, no nosso paiz, que dão o espectáculo da intemperança vergonhosa para seu decoro e finesta para o futuro da nossa raça.

Os registos da policia confirma com deploravel frequencia as affirmações do dr. Goldwai. Entre os hospedes que o alcoolismo da rua conduz constantemente ás esquadras policieas e ás sensuras da justiça, figura o bello sexo em notaveis proporções,—que nem sempre é representado por miseraveis creaturas que procuram na botija do *m*, falsificado, ou no *ale* de pessima qualidade o esquecimento das suas desventuras: encontram-se *mistress* de fortuna razoavel, algumas até bastante ricas, *ladies* d'alto sangue azul, que se não dão satisfeitas com a embriaguez em casa, e procuram nas cafurnas das tabernas um incentivo mais saboroso, um excitante mais enervico.

Algunas d'essas respeitaveis damas conquistaram por suas proezas reputação europea. Por exemplo, a bella nobre *lady*, condemnada cento quarenta e tantas vezes por embriaguez publica. Outra que, mais precavida, se fazia seguir por dois lucianos encierregalos de recolher sua excellencia e de a metter n'um trem, quando já não podia com as pernas nem a cabeça. Ainda ha pouco uma patrinha de *ambalás* sustento encarniçada luta com uma valorosa fema, cujas luctas o *brandy* accumulado em seu estomago diluava, e que beirava a meia noite, na rua, o *mod save the queen*. Conduzida á esquadra, conheceu-se que era uma dama de elevada garrucha, cujos avós haviam batalhado nas Cruzadas, tendo o marido figurado na alta diplomacia e na alta Camara.

Uma nota verdadeiramente typica é a que se encontra nas agoes de divoreio, intentadas durante o mez de setembro do anno passado. Uma d'ellas é de um opulento banqueiro, presidente de uma sociedade de temperança e cuja bebida se reduz mexavelmente a agua pura. Por um d'esses contrastes ironicos que offerece o casamento, a esposa do millionario adoptara o agradável costume d'empiar o copo, sem que supplicas, advertencias e repressões conseguissem outro resultado que o de excitar a sua paixão favorita. Ha tempo, assistiu com o marido a uma festa sumptuosa em casa de outro riquissimo banqueiro. Essa senhora installou-se no bem servido *buffet* e tanto usou e abusou dos excellentes vinhos postos á disposição dos convidados, que o melhor do bule presenciaram um quadro dos mais interessantes: *mistress* X, esgabelhada, o vestido chovo de nodos de vinho, passava a cabaleando pelos salões, as gargalhadas, e cantando

uma canção gaita da lua. E não custou pouco a lho a levar-a para casa!

Nunca a correção da minha passou porão transe, nem a *respectability* da Cité por tão do *desaire*.

FRANCISCO MONTENEGRO

Soffredora

Ninguém te vê como eu te vejo, ou sabe Como eu sei quem tu és e quanto vales. Por mais que as dores da tua alma cale, E a falsa voz do que é carnal te gabe,

Inda que o lustro do teu brio acabe, Inda que tu de mas agoes me falle, Atravez do negrume dos teus males Eu vejo a luz que na tua alma cabe.

Mulher ludada p'ra soffrer, suportaes Com paciencia estorta a humana ruda Da maldade do espirito que exhorta!

Bem hajas sempre! Quando no affande Vires da carne as amarguras mortas, Ha de aureolar te a luz d'essa virtude.

Abril de 1899

VICTOR A. VIEIRA

Unica felicidade das almas

O aijo cahio, a alma do homem cahio e effereceu um ver qual é este profundo abysmo de trevas em que se tetiam perdido todas as creaturas espirituaes. Desde o começo não houvesse dito: «Que a luz se pague a luz não fosse feita e se todos esses beaventurados espiritos de nossa celeste Jerusalem que ficaram na obediencia não se tivessem ligado a vós para acharem seu repouso em vosso Espirito Santo que heixa immutavelmente sobre todas as coisas multaveis.

De outro modo este proprio ceu do *ced* entregou si mesmo não seria senão um abysmo tenebroso, e passo que agora ella é luz pela luz do Senhor. E se fizéssem ver bastante pela miseravel inquietação destes espiritos decaídos que, despojados desta vestimenta luminosa de que os revestistes, recahiram em suas trevas, qual é a excellencia da creatura racional? quanto grande a fizeste, e quanto alto a levaste, e quanto tudo que é menos que vos não basta para fazer-vos feliz; e que assim ella não pode encontrar a felicidade em si mesma. Porque nós que illuminamos vossas trevas, Senhor, as revestis de luz e as tornas tão brilhantes quanto o sol ao meio-dia» dae-nos a mais, meu Deus, dae-nos a mais, porque eu vos amo e eu não vos amo bastante, fazei com que eu vos ame ainda mais.

Não posso julgar quanto me falta de amor para ter bastante, afim de me lançar com ardor entre vossos braços e delles nunca me separar, até que minha vida fique toda occulta nas secretas profundezas de vossa face. Tudo quanto sei é que por toda a parte que não em vós só acho desgosto, não somente fora de mim mesmo, mas em mim mesmo e toda abundancia que não é meu Deus, é para mim indigencia.

SANTO AGOSTINHO.

Das Confissões.

AS NOSSAS GRAVURAS

Dar a comer aos javalins

CONDUZIDA AO QUADRO DE R. TIETZEN

Sendo o javali hospede mui raro nas florestas da Alemannia, por causa da guerra de exterminio deste animal, que lhe fazem os esquadros, só se encontram nos parques do governo, que os faz alimentar, para não faltarem bons exemplares desta especie.

O quadro mostra o guarda do parque, quando da a comer a estes animaes.

MOLDES CORTADOS

TAMANHO NATURAL

N.º 311 - F.º 1000 - 1899. Preço correto mais 300.

Leitura das sagradas escripturas

Comeci então a ler com um ardor extraordinario as veneraveis escripturas e principalmente o estelo S. Paulo: e vi desvanecer-se em mim, em um momento todas estas difficuldades que me faziam crer de em alguns lugares elle se contradiz a si mesmo que suas palavras não combinavam com as da antiga e dos prophetas.

Reconheci que estas castas escripturas não são amaldiçoadas de seu mesmo espirito e comeci a consideralas com uma alegria misturada de temor. Comecei primeiro que tudo quanto eu lera de verdadeiros livros profanos se achava nestas, mas que estes não se achavam relevando o poder de vossa graça, além de que aquellas que vos conhece não se glorifiquem, como se elles não havessem recebido de vos não somente o conhecimento, mas tambem o meio de adquirir o que elle nada tem que não tenha recebido: e eis sempre o mesmo, e que seja enrrado para vos sentir; e que aquella que está ainda de tal modo bastado de vos que não possa descobrir-vos, não sabe de caminhar pelo caminho pelo qual pôde chegar a ver-vos e a possuir-vos. Porque « ainda que homem se dellete interiormente na lei de Deus e no senio de cumpril-a, como libertar-se do jugo desta atra lei que está nelle mesmo e que, oppoñdo-se a

lei de seu espirito, o reduz a escravidão da lei do peccado que reina em todas as partes de seu corpo? » Porque vos sois justo, meu Deus « e foram nossas offensas, nossas impiedades e nossos crimes » que vos obrigaram a fazer pezar vossa mão sobre nós e entregar-nos, com justiça, a este primeiro dos peccadores, a este rei da morte que persuadiu a nossa vontade de se fazer culpada, como a sua se tornara, separando-se da obediencia que vos deve. « Que fará pois este homem tão miseravel e quem o livrará deste corpo de morte, senão vossa graça por Jesus Christo, Nosso Senhor, que engendrade por toda a eternidade de vossa substancia como Deus, e creaste no tempo, como homem para ser o guia de todos aquelles que caminham por vossas vias » puelle em que « o Pim rei do mundo nada achou que fosse digno de morte, e não deixou contido de espalhar seu sangue innocente; o que lhe fez perder o direito que tinha sobre nós? Estes philosophos nada da em destes mysticos em seus livros. Elles nada dizem da piedade christã, das lagrimas da confissão, do vosso divino sacrificio, das tribulações do espirito, do sacrificio de um coração contrito e humilhado, da salvação de vosso povo; desta santa cidade, vossa esposa, deste penhor de vosso Santo Espirito; e enfim deste calice precioso que encerra o premio de nossa redempção. Ninguem nestes livros canta: « Quanto minha alma deve ser sujeita a seu Deus, pois que é delle so que ella deve esperar seu soccorro, pois que é meu Deus, meu refugio e meu protector, e que estando sustentado

por elle, nada no mundo poderá algum dia abalar-me? » Lá não se ouve esta voz do Salvador: « Vinde a mim, vos todos que estais afflictos. » Estes sabios não querem aprender « que elle e doce e humilde de coração; » porque « se vos, meu Deus, occultastes estes mysterios aos sabios do mundo, os revelastes aos humildes e aos pequenos. » Tambem ha uma grande differença entre perceber do alto de uma montanha selvagem a cidade de paz, sem poder, por mais esforços que se faça, achar nesses lugares inacessiveis um caminho para li chegar, porque estão sitiados de todos os lados por esses fugitivos do céu por esses anjos desertores que ahí fazem as suas emboscadas a todos os homens sob a conducta de seu principe. leão e dragão tudo ao mesmo tempo e entre caminhar pela estrada que leva a esta feliz patria defendida pelo Rei do céu contra os assaltos de taes espiritos de trevas que abandonaram o exercito celeste, que fugiram delle, como de um supplicio.

Estas verdades penetravam até o mais profundo de minha alma por vias secretas e admiraveis, quando eu ha aquelle que se chamou o menor de vossos apóstolos, e me sentia tomado de admiração considerando as maravilhas de vossas obras.

SANTO AGOSTINHO.

(Das Confissões)

NINON DE LENCLOS

escreveu da ruga, que jamais cousei macular-lhe a epiderme. Ja passava dos 80 annos e conservava-se jovem e bella, tirando sempre os pedacos da sua certidão de baptisimo que meiga a cara do Tempo, cuja face esboçava-se sobre sua encantadora physionomia, a qual que nunca deixasse o menor traço. Muito verde ainda, vi-se obrigado a dizer o velho rabinheiro, como a raposa de Lafontaine dizia das urvas. Este segredo, que a celebre e eguista faceria jamais confiar a quem quer que fosse das pessoas d'aquella epoca, descobriu-o o Dr. Lecante entre as folhas de um volume de L'Histoire anacourse des paises, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON. MAISON LEGONTE, Rue du 4 Septembre, 51 a PARIS.

Esta casa tem-no a disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VEILLÉE CAF DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provem, por exemplo, o

DUVET DE NINON

po de arroz especial e refrigerante; **Le Savon Crème de Ninon** especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da PARFUMERIE NINON contam-se:

LA POUDE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brunie as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANDERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem esgír e verificar o nome de casa e o endereço sobre o rosto o para evitar as emissões e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de Anjou, de príncipe, por recio da **Fête des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impõe e destrõe as freixas e as rachas.

UM NARIZ PICADO de perquimas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua branca preséptiva e suas côres lisas por recio do **Anti-Bolbos**, producto seu igrual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES **Para ser bella, encantar todos os olhos** deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se os fios e cerrados empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins** da **Mont-Majella**, que tambem impede que caíam e que bipem brancos.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes estragados, e os dentes branqueados com o **Elixir dentifrice des Benedictins** da **Mont-Majella**.

E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

•TOSSE, •DEFLUXO, •BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Esses peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUCHE.

Esgrir e marca verdadeira Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ — OLEO LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trefle incarnat

L. T. PIVER
Parfume de Moda

Violettes de Parme

SABÃO — ESSENCIA — PÓ de ARROZ LOÇÃO VEGETAL — BRILHANTINA — COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver

PARA a JUVENILIDADE e BELLEZA do ROSTO A melhor e mais hygienica de todas as preparações para o toucador

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ — PASTA e ELIXIR



CRÈME SIMON

PARA CONSOVAR ou dar ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias nocivas da atmosfera, e indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**. Os **PÓs de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção beneficiosa é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provedo, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMARIAS e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

XAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Xarope sem narcotico recommandado ha já 20 annos pelos medicos. Facilita a saída dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Esgrir-se o **Carimbo official** e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmincias

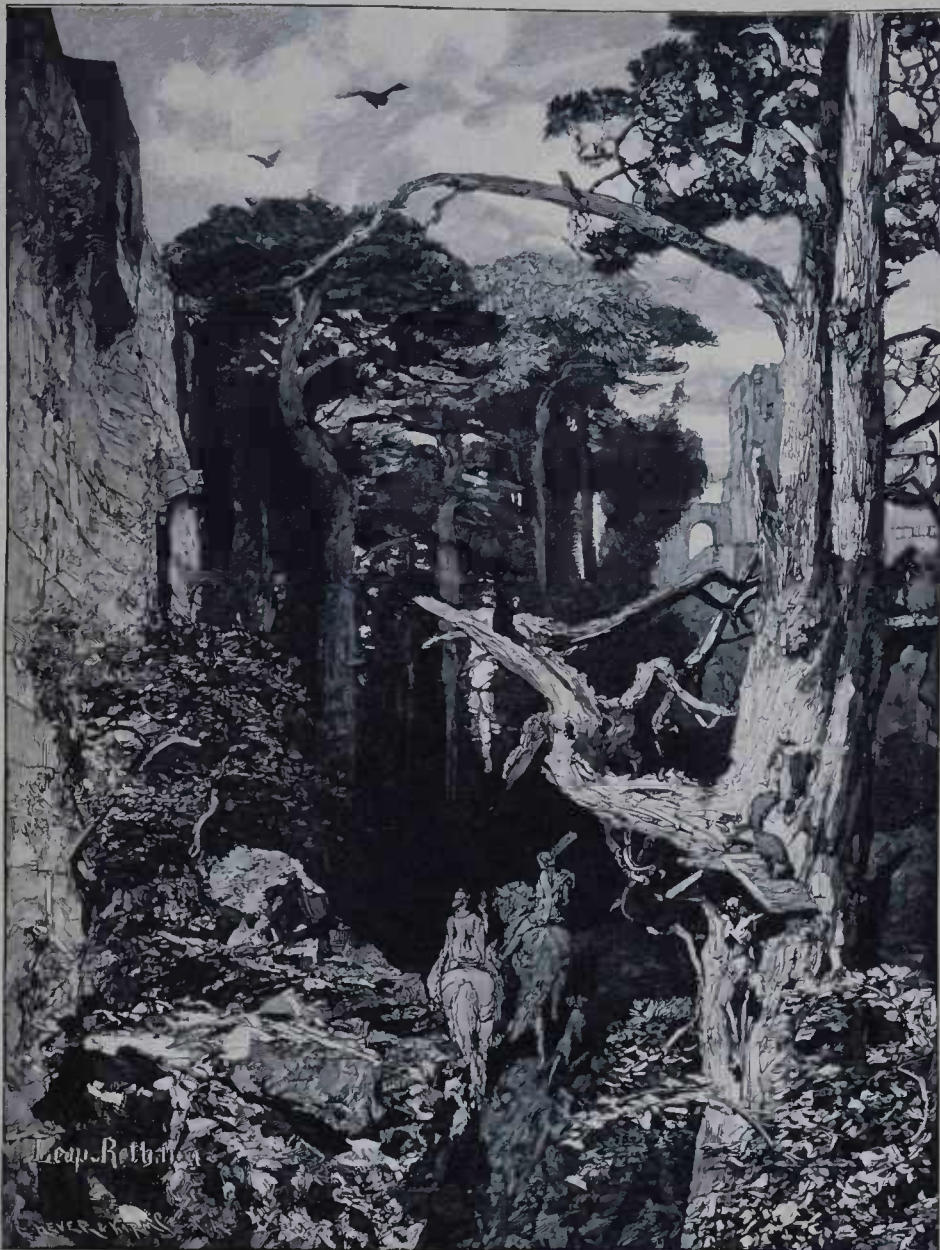
PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de Bin BARRAL

Recommandados pelas sumidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura do **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 16 ANOS DE SUCCESOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz e em todas as pharmincias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS Esgrir-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LADO VERDE FUMOZE-ALBESPEYRES, 78 Faub. St-Denis, PARIS e AS PRINCIPAES PHARMACIAS.



DOS TEMPOS ROMANTICOS

Um pescador

Aqui ao lado ha uma casinha enegrecida pelo sol e pela ventania do mar, que se parece um poico com um velho barc. A janella lembra uma vigia, as portas são alcatroadas e quasi sempre no muiro uma rede encascada de novo secca ao sol. Assim mettida pelo areal dentro, nos dias de mar banzeiro e azul, se acaso uma vela se agita no telhado, dirieis que, entontecida, vai navegar... De resto as pedras de que são feitos os seus alicerces foram arrancadas ao mar: as taboas que serviram na sua construção são restos de antigas embarcações e lá dentro ha um leito de teca, que, depois de navegar muitos annos para o Brasil com o cavername de navio mercante, acabou enternecidamente em cama de noivado. Acontece muitas vezes, em dias luminosos e solheitos, quando as gaivotas em bandos voam sobre o seu telhado que o temporal requemou, pôr-me a pensar que, como uma velha concha, esta casota humilde deveria guardar o ruído que ha um seculo a embala ou a apavora — o ruído do mar...

Creto que sempre, ao pé da n ssa casa, no areal riscado de varaes, a casota vivem, uns dias de tragedia, dias de preguiça e de alegria — ninho de pescadores e marceantes, que o mar alimentou, fez crescer e levou em dias aziagos.

O quadro é sempre o mesmo: o areal e o mar. Para lá da linha de um amarelo tostado de areia — o mar

vive e agita-se profundo, velho como a terra e todos os dias diferente, diverso quasi a cada instante. Na madrugada envolto em nevoa, depois de um verde leve, de um pô verde e tenue, quando os farrapos do nevoiro começam a dispersar-se; mais tarde de um azul cobalto, apenas franjado de branco nas pedras; e a noite tragico, negro, ameaçador. Tem dias preguiçosos, no verão, em que appetee embarcar, e dias em que, de cabellera branca ao vento, urge e se despedaça no caos... Para esta pobre gente, os pescadores, elle é como um gigante que os entende e a quem elles lallam com ameaças ou com carinhos...

Os homens mudam: nascem, vivem, soffem, desaparecem — e elle cont'ua igual a ngrir ou a embalaras velhas casas como estas dispersas pelo areal... Como um monstro antigo parece que os chama e os arranca um a um à terra, porque ha um seculo que é esta a primeira vez que um homem desta casa morre no seu lar.

Generações inteiras sahiram dalli para o oceano, bocas delle tiraram o seu sustento e nelle encontraram todos o seu tumulto. No velho lar enfumado e curioso, na cosinha negra onde o peixe escaalado secca ao fumeiro, conta-se e tem vindo de pais para filhos, a historia da familia: um avô desaparecido mysteriosamente no mar com o seu navio e todos os tripulantes; o que aconteceu a galeia *Beminda*; e a vida triste daquella pobre rapariga, que por ouvir a voz do namorado morto a chamala do mar em certa noite de borrasca, entiou nas ondas... São sempre episodios

simples, vidas de trabalho e de luta, de creaturas ignorantes, rudes e humildes, que o oceano acaba um dia por traçar. Fois de tantos homens alli nascido, este velho que hontem morreu, acabou sua cama. Conhego o ha muito de o la em baixo, ao pé dos pilotos, a para o mar. Quando eu era pequeno, nha-me as vezes a callosa mão na cabeça e eu sentia-me protegido e contente.

Fallava pouco. A barba rija e branca enoldurava-lhe a cara requemada, e os olhos, de um azul destingido fugiam sempre para as velas, que uma a uma sumiam no horizonte. L'ensava de certo a sua vida simples, humilde e resiliente. Pequeno fora como todos, moço numa traia, a cuja construção assistira. Vira senhor abade benzela, num certo domingo, com repiques de sinos e foguetes; depois is chegara da Povoia um velho, o Manoel Serrão, que no areal tallou a enorme vela latina... E nunca barco como aquelle, a vegara, sobretudo de bolina, cortando o mar infinito!... Recordava-se das tardes todas de ouro em po cahindo sobre a aquella toda verde, quando voltavam de pe, as redes na mão, cantando o *Bemido*.

— Quantos? quantos? — perguntava do céu as mulheres.

— Dois centos!

E as noites ao pé da casa, as noites de um luar espantoso, em que luar e ago se confundem e tantas estrellas brillam no ceo, quantas luzem no mar!...

Boa companhia! Todos rapazes corajosos, ruiuos e fortes, que foram mortos, uns na barra em cotodias de perigos, outros embarcados, perdidos, e um atirador o Manoel Pereira de grandes barbas brancas, que não havia outro como elle para trabalhos e canceiras. Crescera, fora sou casara um dia com a sua Catharina e os filhos tinham vindo. E, agora velho e magro, até os dias de perigo lhe pareciam boia borrascosos, negros, com o vento a morder dentes afiados a espera das catraes, entre o mugir esverdeado das vagas.

E assim envelhecera até se tornar inutil; os netos riam delle, os filhos olhavam-no de reves — uma bocca a sustentar os dias de fome. Como trabalhar? Nas tardes de primavera deixava ainda as mãos a um reno, ou as redes do savel que nos dias de mar, a cada lanço, translaça saltar na areia. De inverno pescava a linha ou outro riuvo de costado vermelha... Mas lentamente as forças lhe faltavam nos seus ultimos dias, sentado a porta da toca, olhava com saudade o mar espumoso... Fora cheia de tragedias simples humanas a sua existencia rude, o oceano que não é para elle um decoro, mas um ser, o oceano que o alimentou e o amou, convulsionado de celeras, guarda de cada desta figura bronzeada maia seccada o amigo.

Hontem, na velha casota, entrou o velho sol o pallio, seguido de mulheres cantando o *Bemido*. É simplesmente, como vivera, o velho pescador morreu naquella toca a beira do grande mar azul, de outras gerações inteiras têm sahido para a mesma existencia rude e tragica, humilde e grande. É este o primeiro que acaba no seu leito, sob o tecto desse casbre que, em certos dias de sol, se uma vela arde no telhado, seccando, dir se-hia que vai navegar no atlantico.

RAUL BRANCO

A. J. Gouveia de Mendonça

É-me grato dormir, porque, dormindo,
Das miserias da carne me desprendo,
E, no espaço lanço-me, comprehendendo
Que estou na Terra uma missão cumprindo.

Então, da vida corporal, sorrindo
Encaro as provações que estou soffrendo
Por ver que, quanto mais for padecendo,
Mas o meu ser moral vai progredindo.

Dos prazeres terrenos a ventura,
Que os sentidos embriaga e a alma empeta,
Tem um termo cruel na sepultura!

Alli, d'esses prazeres o que resta?

— Em trevas mergulhada, uma alma impura!
— E a podridão, que só miséria attesta!

VICTOR A. VELHO

Foi a mezes affixada na Universidade de Berlim um protesto que deve produzir uma grande sensação na Alemanha.

E' o protesto dos estudantes de medicina de Halle contra a admissão de mulheres no ensino clinico.

guma n que ellas estudem medicina, nem mesmo a que continuem a receber conjuntamente com elles o ensino theoretico; o que querem e que o ensino pratico não seja dado em commun aos dois sexos, isto em nome da moralidade. Afirmam, por fim, que a admissão

uma calamidade: está em conflicto com os bons costumes e torna-se necessario oppor-lhe um dique. Não pedimos que as mulheres sejam excluidas do ensino clinico; a experiencia tem, porém, demonstrado que o ensino clinico em commun para os estudantes mascu-



DURANTE O JANTAR

A publicação d este manifesto determinou immediatamente um contra manifesto das sociedades feministas, que pretendiam ver naquelle documento protesto contra a emancipação feminina.

Os estudantes repellem energeticamente esta interpretação, e fazem senti que não se pode taxar de intolérante a universidade de Halle, por ter sido a primeira que admitto mulheres nos seus cursos.

Declaram tambem que se não oppõem de forma al-

das mulheres, na clinica, tem dado desde os primeiros dias resultados desastrosissimos.

«Com a admissão d'ellas, dizem os estudantes no seu violento manifesto dirigido a todos os seus collegas d'Allemanha, entron entre nos o cynismo, torcendo-se necessario a cada instante lamentar escanda los tao penosos para os doentes, como para os professores e discipulos.

Sob este ponto de vista, a emancipação da mulher e

lino e feminino e pouco conciliavel com os estudos medicos profundos e com os principios da decencia e da moral.»

O conselho superior das universidades promettem estudar a questão.

CHRONIQUETA

20 de Maio de 1899.

Destá vez escrevo, formosissimas leitoras, do alto das bellas montanhas sul-mineiras, onde costume vir todos os annos fazer provisão de vida. Não sei o que se passa no resto do mundo senão pela rapida leitura de um ou outro jornal, que por accesso me cae nas mãos entre um passeio e uma chiacara de café.

Durante a viagem, e aqui mesmo, alguns dias depois da minha chegada, não ouvi fallar de outro assumpto que não fosse a mensagem do presidente da Republica, mensagem que, pelos modos, produziu em toda a parte o melhor effeito. Não ha como dizer ao povo a verdade nua e crua, sem circumloquios nem ambages, sem grandes promessas nem caraminholas.

A mensagem não faz praça de optimismo que illuda nem de pessimismo que inquiete; conserva-se no meio termo entre um e outro sentimento, e no meio termo consiste a virtude, como reza a velha sabedoria latina.

Quem quizesse fazer a critica desse documento official encontraria algumas contradicções, que aliás foram bem apanhadas pelo *Commercio de S. Paulo*; mas não ha duvida que o tom geral é excellente e inspira a maior confiança.



A este doce retiro chegam amortecidos os echos da indignação do *Commercio* (com e maiusculo) contra o dt. Campos Salles, que indeferiu sem ler não sei que representação impertinente, na qual se protestava contra a lei.

O *Commercio* não perde essa mania de se apresentar em todas as circumstancias, como victima. Os negociantes, no Rio de Janeiro, são os unicos individuos que gozam a existencia. Comem, bebem e fumam da melhor, vestem-se nos melhores alfaiates, calçam nos mais afamados sapateiros, moram nas casas mais confortaveis, dispõem das mais bellas chacaras, casam-se com as moços mais bonitas, empoilgam os dotes mais consideraveis; para elles é o bem-estar, o conforto, a commodidade que as outras classes não fruem; entretanto, nas occasiões difficeis, o *Commercio* (com e maiusculo) é o primeiro que grita, que esbraveja, que atordoa céos e terra como se o estivessem esquarterando!

Despedem-se das fabricas e dos arsenaes, as centenas, pobres operarios que vão lutar com a miseria; augmentam-se os impostos do funcionalismo onde individuos ha que passam fome... de cara alegre; não se ouve nem uma queixa, nem um protesto, nem mesmo um suspiro; entretanto, o negociante, desde que se lhe peça uma migalha da sua riqueza para atenuar a pobreza do Thesouro, deita a bóca no mundo, insurgindo-se contra a lei que uma classe forte, como a sua, devia ser a primeira a respeitar.

Convençam-se, minhas formosas leitoras, de que o chefe do Estado, que não é molle nem nada, vai por muito bom caminho. Assim o ajude o Congresso no qual, infelizmente, não podemos ter uma confiança sem limites. Pois não viram que só a eleição da mesa da Camara, já nos custou, graças á politicagem, algumas dezenas de contos de réis!



Chegou até cá o bulicio das festas commemorativas do 13 de maio. Mas como seriam mais bellas essas festas, se tivessem por theatro esta natureza excepcional, estas montanhas, estes céos, estas paisagens, que são a mais esplendida apothose da nossa liberdade!

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

20 de Maio de 1899.

Nada absolutamente nada de novo, pois que não é nenhuma novidade a reprise do *Jaquino*, a revista de 1897, no Recreio Dramatico. Por conveniencias da empreza desse theatro, o *Gavroche* foi substituido em pleno successo, depois de 50 e tantas representações consecutivas.

A velha revista, apesar de ser caldo requeentado, tem sido bem applaudida. O desempenho dos papéis não é mau, e a execução é a mesma «da primitiva», como se diz em linguagem debastidores.



Tivemos a *Cubana do fac Thomaz*, de D'Ennery, em dous theatros ao mesmo tempo, — no *Varietades* e no *Lucinda*. Não ha duvida que os nossos empresarios theatraes são uns espartalhões. Depois queixam-se do publico...



A companhia *Tomba* vai passando em revista, no *Apollo*, todo o seu opulento repertorio de operetas. E pena que dous artistas de talento, como os srs. Marangoni e Lambiasi, exaggerem tanto os seus papéis, que por vezes chegam a transformar a representação em palhaçada.



A companhia do *Apollo*, que ainda se acha na *Paulicéa*, representou naquella capital uma revista, o *Boato*, de Arlindo Leal, musica de Manoel Passos.

As oquidões dos jornaes são tão desencontradas, que não sabemos, realmente, qual fosse o exito da peça; mas queremos crer que a empreza *Faria & Sampaio* não descobrisse *Potosi*.



Continuam no *S. Pedro* os espectaculos da companhia equestre *Frank Brown*, que desta vez não tem realisado grandes interesses.

X. Y. Z.

NOVIDADES MUSICAES

Recebemos e agradecemos as seguintes novidades musicas:

E. Bevilacqua & C.

- O Boato, revista dos acontecimentos de S. Paulo, de Arlindo Leal e musica de Manoel dos Passos.
- Quarteto valsa.
- Schottisch da Serpentina.
- Passo Dobro — Ali-Babá.
- Valsa de Dorinha.
- Maxixe da Canninha do O'.
- Tango da Cantareira.
- Tango dos Fazendeiros.
- Maxixe do Theatro da Moda.
- Maxixe da Mulata.
- Valsa da Noite.

Manoel Antonio Guimarães.

- Linda Flôr Polka de C. Clonso.
- Dombeiros do Rio — Miguel A. de Vasconcellos.
- Os Filhos do Inferno — valsa barcarola de Costa Junior.



Pelo Sr. Oscar Carneiro tambem nos foi offerecida a polka de sua composição — *Mirantes*.



TRATADO

SOBRE O ENSINO DO CÔRTE DAS VESTES

DE

AMBOS OS SEXOS

POR AGDA

para uso das escolas primarias do sexo feminino

APPROVADO

PELO

Conselho Superior de Instrução Publica Municipal

DO

DISTRICTO FEDERAL

1 Vol. encadernado..... 4\$000
Pelo correio mais..... 8\$00

AO BACCARAT

Louças, Porcellanas, Christes, Cristofle e algeria de fantasia

PREÇOS DE PRIMEIRA MÃO

POR ATACADO E A VAREJO

38, RUA GONÇALVES DIAS, 38

Julio Betencor da Silveira & Comp.

The Ebert New Gold Crown

PARA AS RAIZES DOS DENTES

A superioridade d'estas são demonstradas pela perfeição do trabalho justa adapção e grande administração de todos que as tem examinado.

Para mais informações dirijam-se ao Consultorio do

Dr. L. R. Ebert

DENTISTA AMERICANO

Rua dos Ourives, 71 - 1 andar

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musicas

EVERTIN DE VASCONCELLOS, MORAND & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

- Alceste, polka de M. Pedroza..... 1\$500
- Cubana (10ª edição) polka de J. G. Christo Mercedes, 1ª edição, polka de A. Giannini Santinha, polka de J. G. Christo..... 1\$500
- Loin des yeux, mais près du coeur, baba-nera de J. M. Perdigão..... 1\$500
- Adamastor, 6ª edição, valsa de M. Leroy Diva (18ª edição), valsa de J. G. Christo Mais doe uma ingratição, valsa de O. Lacerda..... 1\$500
- Bem sei que tu me desprezas (successo colossal) valsa com letra de A. Keller..... 1\$500
- Minha querida, (successo) valsa de A. E. Costa..... 1\$500
- Devaneio, valsa de A. Cavalcanti..... 1\$500
- Elegante, valsa de Aurelio Cavalcanti..... 1\$500
- Nirvana, valsa de Oscar Carneiro..... 1\$500
- Triste como eu? (7ª ed.), valsa de Evozah F. Von pensar, valsa de Aurelio Cavalcanti..... 1\$500
- Americano, pas de quatre de J. Reis... Garrula, schottich de O. Lacerda... Grinalda de noiva, schottich de Evorah F. Plante, mazurka de Anna M. de Freitas Borboletas, quadrilha de E. Couto..... 1\$500

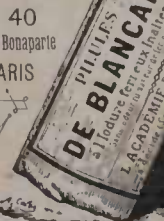
Remettem-se encomendas para o interior

147, RUA DO OUVIDOR, 147

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.



40 Rua Bonaparte PARIS

Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a *Anemia*, *Chlorose* e todos os casos em que se trata de combater a *Pobreza do Sangue*.

Casa de boneca

1

Ao serviço de todas as disciplinas do espirito, muito embora entremeadas com as da affectividade, Henrik Ibsen põe a verdade mesologica e as consequencias da hereditariedade.

Das suas obras resulta primetro a propaganda social, talvez, porque a razão sobrepuz as suas qualidades de artista, ou porque na sua esthetica é maior a logica do que o sentimento. Todas as suas figuras têm um fundo corroido, um passado que volta inevitavelmente. A degeneração fornece-lhe a these, a pathologica resolve-lhe os factos,

A sua obra, que é extraordinaria, seria colossal, sendo mais vivida que raciocinada, a sua arte assombrar-nosha em extremo, quando fosse tão intuitiva como deductiva, quando nella não se extremasse mais a doutrina que idealidade.

Ibsen é sobrio e intenso, mas frio e duro; não se commove e, porisso, so nos arrepija; não chora e, por consequencia, não nos consola.

Para encargar o seu theatro é mister fazer abstracções, porque os seus caracteres são parabolis e não symbolos. O symbolo é mais adstricto á figura sensível, isto é, ao objecto, ao passo que a parabolis raio mas fundo, arredonda maior area. A parabolis tem sobre o symbolo, a mais, o movimento, a cor, que é como quem diz — conceito, philosophia.

E as suas personagens dão bem esta impressão: — um não sei qué de humano e de intangível!

Nora não é bem uma creatura, na qual se possa facturar unicamente uma tira femilil, é mais do que isso: cabe na moldura da mulher mãe, da femea, consoante a physiologia sem deixar de ser uma parabolis animada. Na sua escultura de mulher, reproduziu-se a hereditariedade, na sua alma accommodou-se a revolta latente. A seguir o espirito enflorou, identificou-se, sentiu a necessidade d' amor-amor e sel a á a despertar a consciencia adornecida com o épanouis sement do seu orgulho e da sua autonomia!

O passado fóra para ella isto: — nove annos vividos de cor, uma especie de catalepsia, uma vida quasi inconsciente, parindo, soffrendo os impulsos naturaes da mulher mãe, mas sem dar fé da quente eclosão da sua alma, alheada, embevecida no seu extremo, e ao mesmo tempo limitado, angulo da vida!

Essa temulencia, em que viveu, não lhe deixou sentir, nem comprehender o passado de que vac emancipar-se. E' lhe preciso uma outra idealisação, procura a no futuro com a liberdade na alma e com a esperança nos olhos. Durante o seu sonho fóra uma tutelada: no seu cerebro havia schemas de passividade, de humilhações; não conhecera senão planos inferiores e, se houve luctas, pleitou-as cordealmente, ingenosamente. Porisso toda essa tragedia sentimental lhe acclara a alma, e, agora, a translucida emanação do seu espirito illuminado na ancia de congraçar novas aspirações, de que se sente ávida, mostra-lhe um alto ideal de independencia.

E' de crer que ella tenha a intuição do soffrimento, das humilhações, das queixas de uma dynastia de mulheres ascendentes que, no intimo, foram como ella, revoltadas, mas que, por circumstancias de meio ou de época, não se diagnosticaram sossias ou equivalentes

A emmaranhada rde de transições, as bruscas mudanças, concitam-n'a a viver extraordinariamente na curta acção dramatica. Por entre o dialogo, que serpeia quente, ha gritos que partem do fundo de um coração que se deslota do peito e aquella phantasia, com que se arma o castello imaginoso de sonhos, cae-lhe dentro da alma como uma sombra omista de deslillão. A' mingna de corda, de corda de amor, a boneca emmidece, toda alegria do introito se desfaz como uma restea de sol de pouca dura. . .

Junta-se a esta completção nervosa a do marido fria e superficial e herdada de todas as frivolidades. E' um homem que se casou como se fosse provar um fato ou tomar banho. A mulher, para elle, não é um ente conquistado pelo ardor da affeição, com o qual fosse gostoso ter sentido, vivido essa maravilhosa arte do amor — é um manequim que lhe serve de recreio, de

prazer, que lhe distrahe os sentidos sem carencia de mór enlevo. E' uma companheira para meia duzia de annos e com quem podia ter vivido algumas horas apenas

Ha muita gente assim; ha muitos esposos desta natureza, cujas Noras não sabem de casa por não terem quem as receba em segunda mão, ou porque, sendo naturezas muito superficiaes e de compostura moral, transigem e aceitam esse papel subalterno em que o marido as colloca por via da passividade, do vicio de educação.

Ora a mulher, em taes casos, não representa nem um sentimento, nem uma força, — é uma tutelada.

Porisso os sacrificios de Nora, as suas luctas, os seus desgochos passam despercebidos ao marido, — um cerebro cheio de algarismos, um coração cheio de relativos

E' o typo classico de burguez, sem alteza moral, cobarde e representante de toda essa diplomacia platonica dos deveres sociaes, tyranele mesquinho que nunca abdicda da sua vontade e cuja força cresce á propoção da fraqueza dos outros, — como a de sua mulher. Esta figura bañal é, talvez, *symbolo dentro da realidade*; tem todos os defeitos do meio em que vive sem nenhuma das qualidades do mundo a que aspira. E' o bacharel de meia sciencia que mette o bel delho em tudo e que não serve para nada; um inferior que não hesita em prasmar a mulher, tomando-a como falsaria e sclerada, ao saber que tudo isso era sacrificio. Offerece-lhe, então, o viver em tecto commun p'ra mór do escandallo como recompensa, . . . mas sem poder cuidar dos filhos, sem governo de lar, etc. A cobardia desse gnomio é tal que treme dos hotes Krogstad, quando d'ns dias antes o tratava com um desprezo inaudito e sem appello. Tudo quanto diz a mulher está bem em harmonia com o seu caracter de pusillanime: vaías redondas de moral chata que não gravam fundo, nem lojram convencer. E' de de rir, ao depois como todo se empertiga, quando lhe fogem os pavores e Krogstad lhe passa para as mãos a arma que possuta como desfecho.

Aqui estão os dois embolos que movem toda a peça, ao derredor mais tres creaturas accessorias: um me'dico talbetico, que, apesar de doente, vive de *flirts* com Nora, uma amiga que chega na altura das confidencias a Krogstad sem patife e amoroso que turba aquelle ambiente por ter em seu poder a honra d's esposos e que depois por suggestões de madame. Lucinde, que amara no passado, condescende e restitue o recibo falsificado que é o terror de Helmer.

Resta agora a reconciliação, mas tal não ha. Nora vac deixar o marido e os filhos, sem odios, nem protestos, para ir em cata do ideal que a sua alma emancipada precisa topetar. E' preciso, no entanto um milagre! Recomeçar? mas isso é impossivel! E assim termina a peça.

Na Alemanha aturdiram-se com este desfecho e Ibsen, para ter em Berlin, actualmente a peça representada, consentiu que Nora não abandone a casa! . . .

Mas porque transigiu Ibsen com o epilogo da sua peça que é todo o seu interesse, a sua moral e o seu fim?

A *casa de boneca*, demonstra que o amor de familia, o esteio da sociedade, não tem razão de ser; Nora é uma revolucionaria e a convenção, a auctoridade, a tradição, não podem acceptal-a, por ora!

Os malavindos adoram n'a como senlo ella a expressão de um futuro, de uma aurora que está presto a ramar, mas por outro lado os descontentes — que são em maior numero — trazem ainda agarrada á epiderme centenares d'estes vicios taes como: a esperança, a illusão, a creença, etc!

A alma da especie tem assim vivido enleada ora amando ora crendo, sempre a espera e não poderá, decerto, lançar fora de um salto, toda essas *reverses*. O amor não pode extinguir-se do coração do homem, é uma arte eterna; poderá essa attracção, de ser para ser, variar um pouco, tornar-se mais consentanea com a natureza, isto é, com menos entiaes e com menos luctas, mas no fundo ella existirá sempre, subsistirá apezar de tudo!

A' sombra d'elle têm rolado milhares de victimas; têm crescido, vivido centenares de herocs de todos os

factos e de todas as especies. Portanto, Nora é um evaggero, é uma abominação para muita gente. Os opportunistas dirão que estas paixões, estas desgraças são necessarias, pelo menos, como termo de comparação, e que sem ellas o mundo era de um abhorrecimento espantoso. Quem prevê um mundo differente é um utopista! Temos em nós os vicios de origem, e uma fatalidade. Não soffremos ainda a radical metamorphose; estamos na transição; pozemos o coração num seculo e a cabeça noutro.

A mudança far-se-ha, sensivelmente, graduamente. Porque, afinal, a vida está movendo-se sobre estes dois polos eternos, — a creença e a duvida, o riso e a lagrima. Physiologicamente o ser tem orgãos educados neste sentido. Se lhe negarem todas estas fabulações cria outras, se lhe negarem Deus, inventa um peior; tem a tendencia de apear e derrubar idolos e de arranjar cabalas e superstições.

O que de aqui se conclue é que to'la a arte contemporanea nega tudo. Com que ancia, por consequente, não será esperada aquella que trouxer uma affirmacção, enquanto se não apagarem de todo, em nós, os vestigios deleterios do messianismo.

Março, 9).

AFONSO GAYO.

Azulejos

Na policia é uso, entre as familias ricas dos judeus, receber á sua mesa, em certos dias do anno, correligionarios pobres. O banqueiro Vilna dava um jantar nestas condições, achando se á mesa dois judeus pobres. Um destes, que vigiava o seu camarada, viu que elle acabava de esconder em uma das botas um talher de prata de subido valor. Isto prejudicava-o bastante, porque elle tivera precisamente a idea de fazer o mesmo com o seu. No momento em que se iam levantar na mesa, toma a palavra:

— Meus senhores diz elle dirigindo-se aos donos da casa, permitam-me, em signal de reconhecimento, que faça uma pequena sorte de escamoteação que divertirá muito esta bella sociedade.

— Muito bem, disseram os convivas.

— Veem este talher de prata? Bem.

Eu colloco os nas minhas botas. Viram bem, não?

— Sim.

— Pois bem: Schoumli! Schoumli! Passa! Passou.

E fez com o braço um gesto rapido.

— O talher passou para as botas daquelle senhor! Verifique.

Os convivas precipitaram-se e acharam o outro talher nas botas do camarada. Depois de muitos applausos, o *artista* saúda e . . . escapa-se.

*

Os musicos de Luiz XVI tocavam um dia o *Miserere* de Lully. Estando o rei de joelhos, todos foram obrigados a imital-o. A symphonia durou muito tempo. No fim do psalmo, o rei perguntou ao conde de Grammont:

— Como achas a musica?

— Muito agradável ao ouvido, senhor, mas insupportavel aos joelhos.

*

Um sujeito muito mentiroso dizia:

— Quando estive em Paris, vi um cão que se suicidou diante da sepultura do dono.

— Ora adeus! disse um velho, isso não é nada: eu Presenciei esse facto, assisti a cousa melhor.

— Sim?

— Vi a cadella, companheira do suicida, ir levar-lhe á cova uma cova de saudades.

*

— Então já deixaste de beber, perguntam a um *chupa*.

— Sim, graças á minha sogra.

— Tanto a estimas?

— Não! E' que toda a vez que me emborrachava via duas sogras em vez de uma, e isso era horrivel

Joris Lane

O antigo critério musical Joris Lane, que falleceu em Dumphries, na formosa cidade de 99 annos e uma semana, conheceu e tratou todos os grandes compositores d'este século, com alguns dos quaes teve relações d'intima amizade. Se os seus herdeiros se resolvem a reunir e publicar as suas *Memorias*, de que já foram publicadas ha muitos annos alguns fragmentos — os amantes da arte terão que felicitarse. Joris Lane, que tinha memoria prodigiosa e que vira e ouvira tanto durante o curso da sua prolongada existencia, deixou abundantes manuscritos, a maior parte ineditos, cuja leitura seguramente offerecerá poderoso interesse.

Era adolescente quando fez a sua primeira viagem á Alemanha com o fim unico de conhecer Beethoven. Nos fragmentos alludidos, que publicou num jornal inglez, encontra-se traçada com eloquente singleza a scena da apresentação ao grande maestro. O apresentante foi um certo professor italiano residente na Alemanha, e que se vangloriava de ser unha e carne com o autor da *Symphonia pathetica*.

Essa intimidade não obistou a que a recepção revestisse da caracter pouco agradável para o apresentado. Quando este, pallido d'emoção, se achou na presença do maestro, tratou de balbuciar um cumprimento, a que Beethoven correspondeu com um olhar frio e uma phrase secca, proferida em tom do favor. O italiano intentou animar a conversação, falando com volubilidad, queimando incenso, levantando muito a voz [Beethoven já se queixava da surdez que navia de amargar-lhe os ultimos annos de vida], fazendo muitos gestos e muita mimica; mas o grande homem pareceu não prestar-lhe a menor attenção; depois de olhar o horizonte, atravez a janella, com ares de aborrecido, levantou-se e passou ao gabinete immediato, sem proferir palavra, deixando bastante intrigados os dois estrangeiros.

Ainda que semelhante recepção não fôsse a mais propria para deixar agradável recordação no animo do joven entusiasta, Joris Lane conservou sempre no seu espirito um recordação religiosa d'aquella breve entrevista. O propheta estivera perante alguns instantes em presença do seu Deus: isso lhe bastava.

Com Chopin e com Liszt ligou-o intimo affecto, que nunca se desmentiu — e apesar, diz elle, do hysterico temperamento d'um e do arbitrario caracter do outro... — Chopin era o melhor dos homens; tinha um coração d'anjo, embora seus detractores pretendessem o contrario; mas a sua esquisita sensibilidade, a sua extraordinaria nervosidade, a sua natureza doentia, arrastavam-o frequentemente a uma situação physica e moral singular: em taes momentos era um amigo intoleravel. Era preciso sentir por elle todo o carinho e a admiração que seus intimos lhe professavam para não o mandar de presente a todos os diabos.

Com todos os compositores lyrico-dramaticos que surgiram em Italia, França e Alemanha teve também Joris Lane trato e amizade, se bem que com alguns d'elles viesse depois a esfriar bastante. em consequencia dos juizos ás vezes severos que, chegado o caso, emitia o critico. Assim, por exemplo, com Rossini as relações tomaram logo um cariz pouco favoravel: o author do *Barbeiro*, incomodado por uma critica de Lane, dizia d'este que «para se fallar de qualquer coisa que se não entende, basta qualquer barbeiro»; — ao que Joris replicava que Rossini «so escrevia musica para ser ouvida por qualquer filho de barbeiros.»

Com Donizetti também o critico pouco sympathisava «Tem um talento colossal, escrevia elle, que emprega da maneira mais lamentavel. Parece impossivel que um cerebro que encontra a cada momento as mais formosas inspirações, não comprehenda as enormes tonices que brotam da sua mente alguns compassos seguintes. Não vi em nenhum outro maestro contradicções tão violentas e inexplicaveis. Onvi dizer a um dos seus compatriotas que tem veia de doido, — e acredito. So assim se comprehende essa contradicção, que surge em cada pagina das suas obras». Dois annos depois de traçado este rapido juizo, Donizetti era encerrado n'um hospital d'alienados.

N'uma das suas frequentes viagens a Paris, conheceu Bellini; lá no apogeo da sua brilhante reputação, «Lord Douglas, diz elle, apresentou-me esta noite ao autor da *Somnambula*. E' homem novo, de physionomia doce e expressiva, tão depressa animado de expressão fogosa, quasi infantil, como despenhado em subita tristeza. A sua conversação é variada, amena, sobre tudo quando se falla da Arte e da sua querida Italia. Estivemos pelextrando durante duas longas horas e separamo-nos tão amigos como se nos conhecessemos desde a infancia».

Uma das mais ferventes admirações é a que sente por Berlioz, na companhia do qual viveu alguns mezes. «O publico, — e dizendo intelligente comprehendo entre o mesmo os espiritos intelligentes, cultos, ou que tal se pretendem, não lhe faz a a Berlioz, a justiça que se lhe deve.

«Os francezes não parecem suscetivel sequer que deem um mestre, um francez dotado de um do genios mais potentes que vieram ao mundo n'este século, potente pela profundidade, pela originalidade e pela sciencia musical. E pensar que um Berlioz passa desaperecebido em quanto que os parisienses applaudem febrilmente as massadoras de Halevy, as frivolidades d'Auber e as arlequinadas de Rossini, é coisa desesperante! Hontem á noite tornei a ouvir no piano o ultimo acto

dos *Troianos*: é verdadeiramente magistral. Tenho ainda a cabeça transformada e o coração cheio d'essa musica seria e grave, onde ha ideias grandiosas e não simplesmente barulhos mais ou menos agradaveis como os que se encontram n'esse eterno repertorio da Academia de Musica e de Opera Comica.»

Estes recortes darão uma ideia aproximada do interesse que indubitavelmente despertaria no mundo musical a publicação das *Memorias* completas de Joris Lane. Um critico inglez acrescenta que entre ellas se encontrariam uns capitulos notaveis sob todos os pontos de vista acerca de Wagner e da sua obra. Adverte-se que Joris Lane foi um dos primeiros que comprehenderam o genio portentoso do grande allemã e que com maior valentia defenderam contra os deadens e as ironias do publico, a obra revolucionaria do illustre maestro.

FRANCISCO MYSTERIO.

A cor dos olhos

Leitor: o paiz onde occorreu o que vou referir-te esta longe, muito longe... Nunca a poderas visitar, não acharas seus contornos no mappa; se lhe perguntas o nome, ninguém saberá responder-te... ninguém... nem eu mesmo, apesar de o ter percorrido tantas vezes, nas horas felizes do sonho, acompanhado do Anjo consolador da Esperança!

N'esse paiz não se conhece o mal. O Amor, a Graça e a Alegria espalharam alli seus cobizados dons, e ao impulso de tao divina e fecunda trindade tudo é bello, encantador, poetico... O ceu sempre azul, perfumado o ambiente, floridos os campos... por toda a parte se escuta uma ineffavel musica formada pelo murmúrio das fontes e o canto das aves, e quando cão a noite, as estrelas brilham com vivos fulgores e a lua acompanha as almas puras que celebram ante o altar do Amor, com o eterno rito dos beijos, promessas e cantares...

N'esse paiz não se conhece o mal. A sua historia é tranquilla como as aguas dos seus lagos, doce como os versos dos seus poetas, sorridente como os rostos de suas virgens... Só ha noticia de uma tragedia, s'pultada já nos abysmos do tempo, que os trovadores vestem de quando em quando com as ricas roupagens da rima, passeando a pelos campos e pelas cidades.

Uma tragedia que... Queres ouvi-la? Escuta.

Formosa é a branca entre as formosas! Sua alma é tao bella como seu corpo. Orgulho do paiz onde se embalou seu berço, bem pode chamar-se ditoso o homem que a oltenha, que sinta junto de si palpitar-lhe o coração, que se embriague com o halito da sua bocca, que receba um termo olhar dos seus grandes olhos...

— Olhos n'gros, que me feriste! — cantou certa noite um namorado galã com voz dolente, debaixo da janella da formosa.

E, pouco depois, outra vez cantou com amargura: — Feriste-me, olhos azues!

E em breve os dois amantes estavam frente a frente. Arrancadas as espaldas, contemplaram um instante com profano rancor.

— Pelo amor de Branca e pelos seus olhos negros, disse um.

— Pelo amor de Branca e seus olhos azues! replicou outro.

E os dois rivales lutaram desesperadamente e cahiram em terra moribundos!

A formosa Branca não pode evitar a lucta. Quando saiu, pallida e lavada em lagrimas, só recolheu o ultimo suspiro dos seus apaixonados.

— Morro pelos teus olhos negros!

— Morro pelos teus olhos azues!

E os olhos de Branca cansadores de tao grande desventura e agora cheios de lagrimas, eram formosos, sim, muito formosos... Mas não eram negros nem azues!

Eram verdes!

Esta é a unica tragedia que mancha a historia do venturoso paiz dos sonhos, sepultada já nos abysmos do tempo, e que de vez em quando os trovadores vestem com as ricas roupagens da rima, passeando-a pelos campos e pelas cidades!

Oh!... As mulheres!...

Estava em vespas de casar-me.

A minha noiva era encantadora, mas de caracter extremamente frio, e todas as suas palavras tinham uma ironia terrivel. Todos os dias se suscitava entre nos uma questão, motivada sempre por alguma d'estas duas causas.

Isto fez-me pensar, em mais d'uma occasião, em observal-a, para observar maiores males.

Mas no dia seguinte tornava a vela, e la se ia por aqua abaixo essa resolução!

Orém, n'aquella noite, não!... A minha resolução era fatal.

Tiveramos um desgosto grave, e entrei no meu quarto de solteiro firmemente decidido a não tornar a vela.

Sentei-me n'uma cadeira, abri um livro que estava sobre a mesa e comeci a ler para me distrahir.

Estive dois dias sem a ver.

Mas no terceiro... Quem resistia?

«Fim a casa d'ella, pedi-lhe perdão... não me respondeu; mas concedeu-me os seus olhos; pelo menos as suas me parecêu.

Decorreu um meiz, e por fim succedeu o que tinha de succeder.

Casámos.

Eu era homem bastante ciumento. Como não?... Minha mulher era tao galante, tao formosa!

Entre os meus zelos e a sua frieza, a vida era impossivel poucos dias depois de casados. Luiza parecia folgar em apparecer culpavel a meus olhos, com as suas frequentes sahidas de casa, aproveitando as occasiões em que os meus trabalhos e negocios me impediam de estar a seu lado.

A ideia de ser atraido do atormentava-me.

Crescia, por momentos, essa ideia, como se agitassem as ondas do mar, batidas pelo nordeste da tormenta.

Elle fria, impavida, na minha presença, todas as vezes que, vermelho de colera, a recriminava. E algumas vezes, respondia-me pacifica e serenamente:

— O passeio estava formosissimo! Que delicioso tempo!

Eu endoudecia.

Outras vezes, quanto maior era o meu desespero por Luiza ter estado ausente duas ou tres horas, sem me dizer, a volta, onde estivera, respondia-me apenas:

— Não grites, homem! os visinhos não ganham nada em saber d'estas desavenças!

E tudo isto com uma tranquillidade que me espantava.

Uma noite, cheguei a casa á hora do dia, e Luiza não estava, segundo me disse a mulher do guarda-portão.

Que fazer?... Sahir, ir procural-a?... Aonde?... Enfiar pela escada, até o quarto andar, junto ao céu, onde foi o meu ninho de amor e por isso o escolhi tao alto... Entrei. E toda a casa me pareceu fria, triste e abandonada.

Sentei-me e esperei

Deram dez horas, dez e meia, onze... e nada.

Toda a noite só.

As doze do dia seguinte é que Luiza appareceu. A scena foi terrivel!

Elle não descerou os labios, nem mesmo para se desculpar.

— Defende-te, miseravel! Fala... Onde tens estado?... Atraçoas-me!... Tu atraçoas-me, Luizal... Olhou-me muito, mas ficou calada.

E, doido de desespero, furioso de raiva, não sei que lhe fiz...

Abri a janella que dava sobre a rua, e levantei Luiza nos braços; nunca me parecerá tao leve, tao ligeira... Passei parte do seu corpo fóra da grade e, suspensa sobre o abysmo, disse-lhe:

— Infame!... Fala, fala, ou atiro-te á rua!... Acabarei com esse frio silencio que me mata!

E ella, sem o menor estremeimento muscular, ao ver o perigo, respondeu

— Não sejas creança; se me deixas cahir, pregan-te uma multa... Bem sabes que é prohibido atirar coizas para rua...

Estava no meu quarto, sentado na cadeira de ba-loijo.

O livro cahira-me aos pés.

A luz do candeiro elevava-se e rapidamente amor-tecia, a torcida carbonizada espirrava, e pela janella entravam torrentes de luz

Teria sonhado?...

Era realidade o que me succedera com Luiza?

N' cautella, resolvi devers não casar, porque na noite passada lera no livro que me cahira aos pés:

«Oh!... as mulheres!... As mulheres são sem caracter. Nascem, vivem e morrem, e não ha força humana que faça variar sua inclinação. Não lhes succede o mesmo que aos homens, que estes quasi sempre variam por causa das mulheres.»

Que grande verdade.

E quem acreditar que, apesar da minha firme resolução, depois d'aquella horrivel noite, me casei com Luiza?...

Oh! as mulheres!...

(Das «Instantâneas»).

FRANCISCO MYSTERIO

MOLDES CORTADOS

TAMANHO NATURAL

N. 15. — Roupão... 28000.

Pelo correio mais 300.